Os sete pecados capitais dentro do Brasil

Ilustrações

Leo Gibran  
  
Propagados à exaustão pela igreja católica a partir do século 6, com o objetivo de educar seus fiéis e mantê-los dentro de uma diretriz, os pecados capitais acabaram por atravessar dois milênios até chegar aos tempos atuais, já livres de caráter religioso, mas ainda adequados a uma reflexão. Exatamente por isso, decidimos criar este dossiê para abordá-los. Porém, convidamos sete artistas de diferentes regiões brasileiras, atribuímos um pecado a cada um e propusemos que escrevessem sob uma ótica que, de alguma forma, relacionasse o tema não somente ao comportamento humano, mas ao próprio país – visto um ano conturbado como este – e à sua sociedade. O resultado você confere a seguir!  
  
Ira

Por Noemi Jaffe  
  
Quem já experimentou a ira – e é difícil conhecer alguém que não a tenha experimentado – sabe que ela pode provir de diversas fontes. Da impotência diante de algo que se quer mudar; da apatia de alguém com quem se deseja conversar; do sentimento de injustiça ou de ter sido traído; da sensação de inferioridade ou de ter sido passado para trás; da humilhação; da derrota. E da mesma forma como sua origem é múltipla, também seus efeitos são variados. Ela pode gerar culpa em quem a sente; causar inimizades; incompreensão; vingança por parte de quem a sofre; medo; revolta ou, ainda, quando é bem aplicada, até a própria transformação. Os teóricos dos pecados capitais, de Santo Agostinho a Gregório, são unânimes em concordar que todos eles têm face dupla. Do ponto de vista da cólera, todos percebem que ela tem um lado positivo, por representar uma reação vital a injustiças opressivas e por conseguir proporcionar mudanças que, sem ela, seriam mais lentas ou impossibilitadas. Mesmo assim, ela ainda se mantém entre os sentimentos mais temidos, seja por quem o sente, seja por aqueles que são objetos de sua força. Sim, porque a cólera é qualquer coisa, positiva ou negativa, sempre forte, intensa e impensada. Capaz de fazer com que a pessoa que a sente se torne animalesca, violenta e que cometa atos que, de outro modo, jamais seria capaz de executar. Quem conhece a força da ira sabe que não se é sujeito dela, mas quase sempre objeto. Aliás, é por isso que as paixões e os pecados capitais são listados nessas categorias: justamente por representarem afetos incontroláveis, que, por essa mesma razão, podem levar à violência e à destruição.

Mas como saber quando a cólera tem origens e efeitos positivos e quando ela esbarra no indesejado? É possível exercer controle sobre uma paixão tão desmedida?  
  
Entre os gregos, a “hubris”, ou desmedida, é o maior mal existente. Não importa tanto o que se sente ou se pensa, mas a medida do sentimento, sua dose. Qualquer coisa pode servir ao bem ou ao mal, só o que os difere é sua quantidade. Mas de que depende a dosagem e será que ela é passível de limitação pelo indivíduo, quando se trata de sentimentos ou reflexos instintivos? Segundo os próprios gregos, sim. Também as paixões mais violentas são suscetíveis de controle se submetidas a regimes sustentados e lentos de educação pela inteligência, pela razão e pela disciplina. Mas será que também a cólera pode ser disciplinada? Nesse caso, ela ainda é cólera? Talvez seja sublimação e transformação em força vital, trabalho, revolução, ação, potência. Mas, certamente, não será mais aquela intensidade descontrolada, que enrubesce a pele, ativa a musculatura, trava os lábios e anima o tônus, tornando o corpo – mais do que a mente – capaz de gestos irreconhecíveis, apenas alguns momentos após terminado o surto.  
  
A cólera, ou ira, é, necessariamente, um afeto explosivo e sua contenção pode ser benéfica, mas a transforma em outra coisa. Diante da impotência a que se veem expostos os cidadãos brasileiros que discordam veementemente dos últimos acontecimentos políticos, paralisados e atônitos diante das injustiças que desfilam alegremente diante dos seus olhos, como deter ou como direcionar a ira?  
  
As últimas circunstâncias têm oferecido inúmeras razões para a eclosão de muitos afetos corrosivos e negativos, que, mais do que abalar a situação, desgastam os próprios indivíduos. Sentimos raiva, por vezes até cólera, mas ela ainda se potencializa pelo fato de sabermos que nada podemos fazer com ela. Não podemos nos vingar de ninguém: estamos bloqueados, como no poema *Áporo*, de Carlos Drummond de Andrade: “Que fazer, exausto, em país bloqueado, enlace de noite, raiz e minério?”. Sentimos ira pelo que acontece, pela injustiça e mais ainda pela impotência. Vontade de quebrar tudo e de bater a própria cabeça na parede. Raiva do mundo e de nós mesmos.   
  
No poema de Drummond, é a escavação lenta e disciplinada do inseto que, “antieuclidianamente”, acaba gerando uma orquídea. Solitária e pequena, mas ainda orquídea. Acredito que a chave do mistério desse poema não esteja tanto na esperança de encontrar, ou mesmo de fazer brotar uma orquídea, mas mais no adjetivo “antieuclidiana”. Diante do não sentido e da cólera que ele gera, penso que a ação deve se pautar justamente por ele, e a raiva pode e deve ser um de seus motores. Enlouqueçamos. Busquemos na desrazão e nos gestos desastrados a faca – e a lâmina – de nossa mão; vamos pelos desvios e pelos atalhos. Esmaguemos nossos corpos para que eles passem por buracos estreitos e vamos escolher o caminho mais arriscado e o mais errático. Propondo ideias, comunidades, escambos, fraternidades estranhas, doações, uma economia avessa e devassa. Vamos usar nossa raiva para doarmo-nos ao ar e sermos nós a orquídea esquisita que o inseto, impensado, inventou.  
  
Está sentindo sua raiva subindo pelas têmporas? Agarre-a. O que você vai fazer com ela hoje?  
  
Noemi Jaffe mora em São Paulo e é escritora, crítica literária e doutora em literatura brasileira. Entre os livros que publicou, estão *Quando nada está acontecendo*; *A verdadeira história do alfabeto*, vencedor do Prêmio Brasília de Literatura; e *O que os cegos estão sonhando?.*Orgulho  
Por Fabrício Carpinejar  
  
O orgulho não é apenas um pecado, é uma tirania. É alguém que falsifica a memória para atender ao capricho de seus desejos.   
É um pecado invisível, imperceptível na aparência, já que traz confiança e combatividade.   
O orgulhoso parece que está bem, mas unicamente não para quieto um minuto para descobrir o quanto está mal.

O orgulho não escuta, não tem a humildade do engano. Vem de pessoas apressadas de certezas, que já buscam convencer o outro antes mesmo de terminar a conversa   
e acolher o contraponto.

O orgulho ferido sangra a esperança, até desaparecer   
o futuro.

O orgulho é quando o espelho manda na vidraça,   
o reflexo vence a reflexão.

O orgulho é mais vaidade do que verdade.

O orgulho nasce do medo e desemboca na intolerância.  O medo de perder emprego estimula o preconceito contra os imigrantes, assim como o medo da própria sexualidade arma ataques à homoafetividade.

No orgulho, você odeia quem é diferente, com receio   
de perder a sua influência.

O orgulho é coisa de gente pequena bancando a grande.

O orgulho transforma a fraqueza em vício.

O orgulhoso converte impressões em fatos e desacredita os fatos com impressões.

O orgulhoso dedica o seu tempo integral aos inimigos.

O orgulho não tem amigos, tem álibis.

O orgulho é previamente a favor ou contra.

No orgulho, não existe senso de humor, pois rir   
é igualdade social. Quem ri junto jamais se acha   
melhor que o outro.

A alegria do orgulho é escárnio, uma gargalhada   
sem mostrar os dentes, articulada no canto da boca.

O orgulhoso se explica ou se justifica em vez de pedir desculpa, não volta atrás para reconsiderar a opinião.

O orgulhoso condena antes de julgar, vinga-se antes   
de entender o que aconteceu.

O orgulhoso não acha o caminho, porque se envergonhou de perguntar.

No orgulho, você se delicia roubando a felicidade do próximo. Ao contrário da tolerância, em que você só é feliz dividindo a felicidade.

O orgulho é a riqueza esmolando, é a fome oferecendo comida, é a sede na chuva, é a penúria na abundância.

O orgulho é avareza. Você esconde o que sente para não ter o trabalho de falar.

O orgulho é saudade engasgada.

O orgulho não conhece a paz depois do perdão. Ou seja, no orgulho, você jamais é livre.

O orgulho prepara vinganças reais para dores imaginárias. Sofrerá por aquilo que não aconteceu,   
e que somente acontece em sua cabeça.

O orgulhoso repete o seu pior dia eternamente para decorar as dores.

O orgulho ocupa-se em fingir que está ocupado e fecha as portas de palavras vazias.

O orgulhoso coloca a mão na consciência enquanto os pés chutam o inconsciente.

O orgulhoso vibra mais com o fracasso dos colegas   
do que com os seus sucessos.

O orgulho é o otimismo da destruição.

O orgulho desafia pela frente e cria a discórdia

pela fofoca.

O orgulhoso ganha o poder sem mérito e mantém   
o poder, não se importando com os meios.

O orgulhoso diz que sabe para nunca precisar saber.

O orgulho é egoísmo, você convive com os demais   
para falar de si.

No orgulho, você corre atrás de um não e foge de todo   
o sim.

Orgulho é insistir num relacionamento errado para provar que tinha razão.

Orgulho é rastejar com as asas.

Por orgulho, desperdiçamos uma vida (já por amor, multiplicamos a nossa vida).

Quando é orgulho, vivemos a vida do outro. Quando é amor, jamais deixamos de ser.

O amor não precisa de provas, demonstrações, jogos ou disputas, isso é coisa do orgulho.

No orgulho, nunca está satisfeito. No amor, você transborda.

O orgulho é um capricho, o amor é destino.

O orgulho é ego, o amor é generosidade.

O orgulho é mágoa, o amor é reconciliação.

O orgulho é ressentimento, o amor é fé.

O orgulho é se prender ao passado, o amor é escolha.

O orgulho é impor o seu projeto, o amor é alterar o seu projeto de acordo com a necessidade.

O orgulho se veste de amor, finge que é amor,   
é o clone do amor, é o sósia do amor, mas não é amor,   
é o fracasso do amor.

O orgulho é tão somente um ódio frio.  
  
Fabrício Carpinejar caminha por muitos lugares, mas vive em Porto Alegre. É poeta e cronista, autor de *Felicidade incurável*, entre outros títulos. 